

VIAGENS

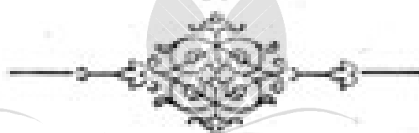
NO

SERTÃO DO AMAZONAS

DO PARÁ À COSTA DO MAR PACIFICO  
PELO  
AMAZONAS, BOLIVIA E PERÚ

POR

BERNARDO DA COSTA E SILVA



PORTO

TYP. DE ARTHUR JOSÉ DE SOUSA & IRMÃO

74, Largo de S. Domingos, 76

1891



## AO LEITOR



Este nosso livro não tem pretenções litterarias, — é o que ahí está; e o que ahí está, é o resultado de notas a lapis colhidas em diversas viagens que fizemos em varias epochas no sertão do Amazonas, Bolivia e Perú.

*O Auctor.*



PRIMEIRA PARTE

— 1977 —  
DO PARÁ A MANAOS



## VIAGENS

# SERTÃO DO AMAZONAS



## BELEM DO PARÁ



Em 1615, por ordem de Alexandre Moura, partiu do Maranhão para o Amazonas, o capitão Francisco Caldeira Castello Branco, com tres caravellas e duzentos homens, fundeando em principios de dezembro, no lugar onde hoje está collocada a cidade de Santa Maria de Belem do Gram-Pará, que então era maloca dos indios *tupinambás*.

Ahi ergueu barracas de palha, ajudado pelos mesmos indios; levantou o forte de Santo Antonio, que ainda hoje existe, conhecido por

castello, onde se fazem os signaes maritimos, em frente da Sé.

Assim foi fundada a capital do estado do Gram-Pará, ponto de partida da nossa viagem do Amazonas ao oceano Pacifico.

Eram oito horas da noute de cinco de maio de 1891.

No arsenal de guerra de Belem do Gram-Pará, tocava a recolher, e nós dirigindo-nos ao caes da Guarda Maria, ali embarcamos n'um bote para bordo do vapor *Elias*, surto no porto, o qual devia, na madrugada de seis, levantar ferro e seguir viagem para o alto rio Madeira.

Installados a bordo, accommodamos nossas redes de dormir, e deitamo-nos.

A's tres horas da manhã, aos primeiros impulsos que a machina de vapor transmittiu ás rodas do navio, as redes dos passageiros foram postas em doce oscilação, e nós embalados n'ellas.

Em terra reinava silencio profundo; a cidade dormia innocente e descuidada, notando-se-lhe a falta d'esse movimento contínuo de transeuntes a toda a hora, que é peculiar ás grandes cidades.

Os ultimos reflexos das luzes da illumina-

ção publica, foram-se offuscando á medida que o navio se despedia do porto, passando, indifferente, por entre os demais surtos ali.

A bordo apenas se escutava o monotono ruido dos movimentos da machina e das correntes do leme, quando o vapor mudava de rumo; as pás das rodas cortavam a agua compassadamente e . . . nada mais se ouvia.

As luzes de bordo, empoadas pela neblina, dimanada do vapor das aguas, iam-se apagando lentamente, opacas, morticas, tristes, ao brilho dos primeiros raios da aurora que já se annunciava.

Vamos passando a grande ilha de Marajó, cujo comprimento é de 275 kilometros, 795 milhas, e largura de 173 ditas ou 904 milhas.

Pretendemos descortinar alguns pontos d'essas florestas encantadas, que anciosos estavamos por admirar, mas, por enquanto, ainda mal as viamos; apenas um ceu sem nuvens e uma pallida claridade reflectindo-se na immensidade das tranquillias aguas.

Sonhavamnos achar-nos transportados ao paiz das famosas amazonas guerreiras do tempo de Orelhana, d'essas fabulosas filhas do rio *Káucuiaba*, da tribu *cunuyys*, onde effectivamente

vamos passando, suppondo vel-as talvez, de arco e frecha em mão, e qual Adamastor, impedirem a marcha do nosso navio.

Nós optavamos pela affirmativa de Orelhana, visto que só esperavamos surpresas, — era esse o nosso ideal: — eram mulheres e não homens.

Ouvimos ruido a bordo...

Eram ellas, decididamente, que tendo feito abordagem e encantado o navio, nos iam metter a pique!

Despertamos suppondo já que o navio se estava afundando, e ellas salvando-nos em seus robustos braços.

Qual foi porém, o nosso desapontamento, ao ver junto de nossa rede, seis marinheiros descalços, calça arregaçada e em mangas de camisa, com baldes na mão, cheios de agua!

Seria o banho de Neptuno?

A impressão que nos causara tal sonho, ainda nos dominava, como se vê, quando aproximando-se os marinheiros e o mestre do vapor, de compridas barbas, alto, magro, serio e grave, de manga de bomba empunhada, prompta a esguichar, nos diz:

« Vamos baldear o convez. »

Ora vão lá crêr em sonhos e nas deidades do Amazonas, em vista d'um ridiculo despertar de fagueiras esperanças desvanecidas.

Era dia!

A aurora raiara com todo o esplendor dos dias dos tropicos. O sol resplandece reverberosos raios nas aguas que doura, as quaes, por sua vez, esmaltam com os reflexos, a floresta magica, derramando-lhes avelludados tons.

Panorama seductor que a vista nos inebria de gratas phantasias.

Candida realidade!

Florestas maravilhosas, um ceu purissimo, aguas sem fim...

Entretanto, o nosso navio, seguia orgulhoso de navegar em tal Veneza, onde, se não tinha por companheiros as gondolas com seus cantores de barcarolas, tivera, em tempos, essas formosas ycamiabas, as guerreiras amazonicas, essas robustas bellezas athlecticas com suas zagaia, em traje do Paraiso.

Eis, aqui, a «terra que tem palmeiras, onde canta o sabiá.»

Ellas lá estão embalando-se na subtil viração, e elles trinando em louvor do poeta que as cantou.



Bello!

Esplendido!

Maravilhoso!

Além, ainda a grande ilha de Marajó ou de Joannes, abundante de gado; — aqui, bosques em perpetua e risonha primavera; desnudas praias de espelhada areia, onde o jacaré assoma; — ali, um canal estreito donde as ramadas da floresta virgem, vem beijar nosso navio que passa assombreado por arcadas de verdura; — aqui, nas vastas aguas, a tartaruga boyando e os peixes botos que seduzem donzellas, como dizem as lendas, em divertida carreira; — acolá, araras e papagaios de vistosas plumagens; desenvoltos periquitos, lindos tocans, voando no espaço; — lá, mais ao largo, frondosas florestas, copadas samaumeiras de monstruosas sapupemas; graciosas chacaras ou sitios, bellos chocolataes ou cacaoes, ramalhudos cafeeiros, lindas bananeiras, vistosas parasitas de mimosas flores de fórmãs caprichosas; — d'este, esbeltos assahyseiros em fructo, enredados cipós; — um engenho de assucar ou de cachaça; — junto á margem do rio, caboclos mariscando, canôas á vela, casinhas alvejantes, chalets engraçados, floridos de trepa-



## **AVISO**

**DEVIDO AO TAMANHO ORIGINAL DO DOCUMENTO.  
NÃO FOI POSSÍVEL DISPONIBILIZAR O SEU CONTEÚDO  
NA ÍNTEGRA. PARA TER ACESSO AO ARQUIVO DIGITAL  
COMPLETO, POR FAVOR, ENTRAR EM CONTATO COM A  
GERÊNCIA DE ACERVOS DIGITAIS NO  
CENTRO CULTURAL DOS POVOS DA AMAZÔNIA.**

**FONE: (92) 2125-5330**

**FAX: (92) 2125-5301**

**EMAIL: [ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM](mailto:ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM)**



**Secretaria de  
Estado de Cultura**



**CENTRO CULTURAL DOS  
POVOS DA AMAZÔNIA**